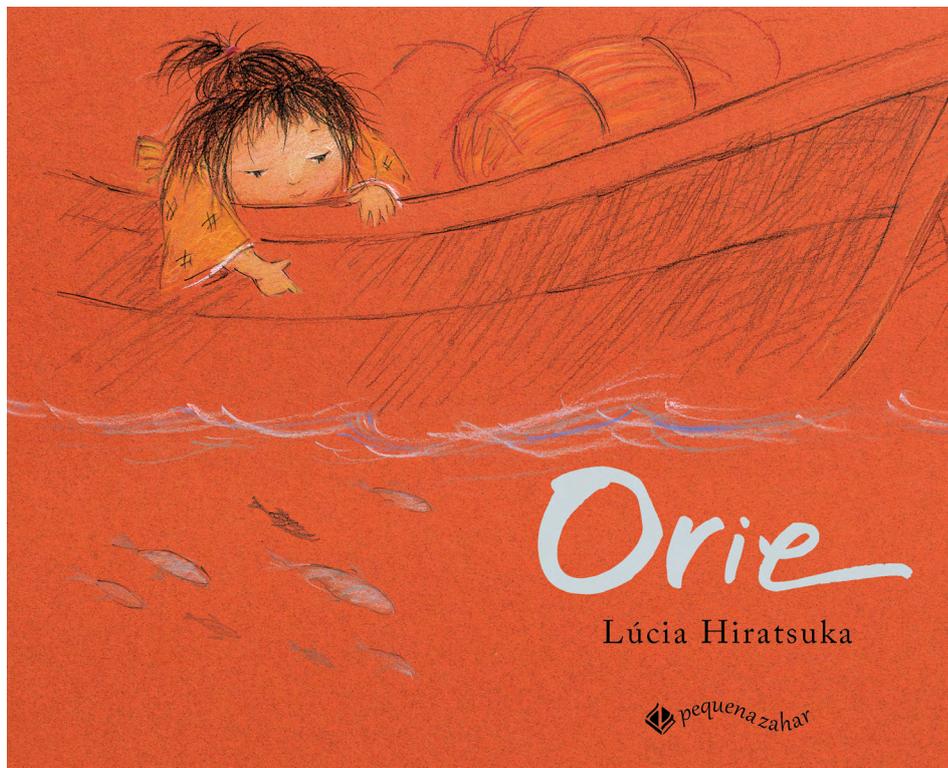


Outras Linguagens

Roselete Fagundes de Aviz¹

Orie

Sabor de palavra encontrada em água doce



Autora e ilustradora: Lucia Hiratsuka

Editora: Pequena Zahar

Páginas: 52 páginas

Formato: 24 x 19 cm

Ano: 2014

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e atualmente Professora substituta na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. E-mail: roseaviz@hotmail.com

Para começar, o título: Orie é a palavra forte do texto. Orie é um nome de avó. É um nome que puxa o fio da memória. Faz voltar ao começo, à casa da gente, à nossa voz. Em Orie há RIO. Sua própria história. Rio aldeia. Pessoal. Faz-nos lembrar por que somos o que somos. E as lembranças vão alinhavando a memória para iluminar o que do rio não pode ser esquecido: sua margem; sua estrada; seu destino; seu nascimento, porque, parafraseando Ziraldo, cada menino/a nasce no dia em que vê o rio. Rio em movimento de água – voz da palavra. É assim que Lúcia nos traz a história de uma menina que cresceu no Japão. Mas que, em determinado momento da vida, necessita deixar sua terra natal.

Uma das coisas que mais chama a atenção no livro é a delicadeza, a atmosfera de afeto e serenidade que circunda a história. Talvez sejam essas as palavras que melhor traduzem o texto de Lúcia.

Em alguns momentos, o texto tem uma linguagem rítmica, marcada pela repetição. Vai e vem... vem e vai... para criar o efeito de sentido a que se propôs a autora, em sua palavra poética demarcada pelo ato de remar. Do “remo de bambu”, tão simbólico cujo desenho em nossa mente representa a imagem do remo indo e vindo, indo e vindo, voltando ao cantinho escondido e cativo que cada pessoa traz dentro de si.

Uma história decorada de nostalgia? Por que não? A repetição, além de ser uma estratégia da autora para estruturar seu discurso, constitui um modo de construir o prazer de ouvir histórias. Pela sonoridade visualizamos Orie e sua paixão em conhecer o mundo. E Lúcia, através desse recurso, alia toda sua emoção ao que relembra e quer contar ao leitor. E conta o que lhe contaram, ou melhor, o que Orie, sua avó, lhe contou. Palavras que abrem espaços e tempos retratados por um passado longínquo que insiste em querer ser presente na infância e futuro na memória. São essas palavras de Orie que pulsam fortes por baixo do texto, chamando o leitor para o diálogo com voz bem sossegada.

As ilustrações são feitas com carbono e pastel sobre o papel kraft. E isso atribui aspectos muito significativos para a história. Contornando detalhes e transparências, desde o começo, Lúcia nos faz ver e saber que palavra e imagem se entrelaçam, ora a palavra se completa na ilustração, ora a ilustração se faz narrativa para que o leitor também flutue.

O leitor terá de estar atento ao aspecto visual e escrito do texto, questões que se movimentam ora lentamente, ora em ritmo de correnteza carregando a canoa que traça o rumo da narrativa.

Das palavras às imagens, das imagens às palavras: pouco a pouco o leitor mergulha nas profundezas das palavras e nos espaços existentes entre texto e ilustração. O prazer do esconderijo e do desconhecido pode ser o motivo para as novas descobertas que o caminho das águas revela nesses espaços cuja ilustração abre ao leitor.

A literatura tem retratado todo tipo de criança, todo tipo de infância. Algumas nos marcam pela felicidade ou pelo sofrimento outras, como Orie, pela criação. E é nesse jogo que os olhos bem abertos de Orie riem como um rio profundo, conservando nas imagens a ideia de lugar, de chão das coisas que pulverizam o texto de uma atmosfera cultural e retratam a proximidade e a distância da Orie menina, Orie-mulher, Orie avó. Orie agora, na outra margem do rio porque o rio é o lugar do humano, lugar da voz: água da palavra.

E o rio, riu, ri por sob a risca da canoa...